

**DEMON
COPPERHEAD**

DEMON COPPERHEAD

BARBARA KINGSOLVER

Tradução
HECI REGINA CANDIANI



MORROBRANCO
EDITORA

DEMON COPPERHEAD

Copyright © 2025 MORRO BRANCO

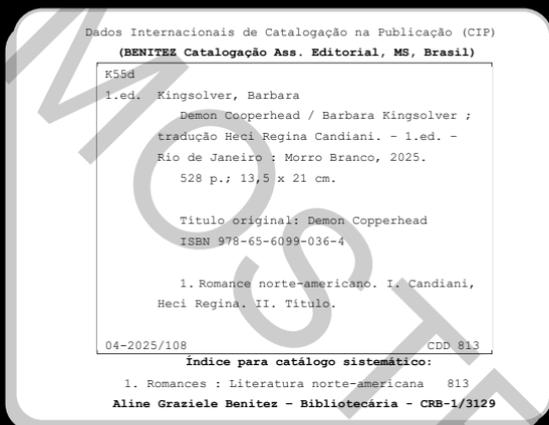
MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2022 Barbara Kingsolver

ISBN: 978-65-6099-036-4

Translated from original Kindred: A Graphic Novel Adaptation Copyright © 2022 Barbara Kingsolver ISBN 978-0-06-325192-2. Published by arrangement with Frances Goldin Literary Agency, Inc., through International Editors' Co. PORTUGUESE language edition published by Morro Branco, Copyright © 2025 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2025 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.



Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutus

Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano

Produtor Editorial: Marlon Souza

Tradução: Heci Regina Candiani

Copidesque: Andresa Vidal

Revisão: Louise Branquinho

Diagramação: Carol Dias

Ilustração de capa: Loren Bergantini



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



AMOSTRA

Para as pessoas que sobreviveram.

*“É inútil recordar o passado,
a menos que ele exerça alguma
influência sobre o presente.”*

CHARLES DICKENS, DAVID COPPERFIELD

1

PRIMEIRO, ME ENCARREGUEI DE NASCER. UMA PLATEIA RESPEITÁVEL estava lá para assistir, e essas pessoas sempre me garantiram: o trabalho mais difícil ficou por minha conta, já que minha mãe, digamos, estava fora de combate.

Em qualquer outro dia, teriam visto ela lá fora, no terraço de sua casa móvel, como bons vizinhos curiosos, farejando qualquer pontinha de problema. No ar abafado feito bafo de onça de todo fim de verão e outono, era só erguer o olhar para o alto da montanha e lá estava ela, uma loirinha oxigenada fumando seus Pall Malls, agarrada ao parapeito como se fosse a capitã do próprio barco que poderia estar prestes a afundar. É de uma garota de dezoito anos que estamos falando, largada à própria sorte e notadamente grávida. No dia em que ela não apareceu, coube a Nance Peggot arrombar a porta, invadir e encontrá-la desmaiada no chão do banheiro, com as drogas dela espalhadas por todo lado e eu já de saída. Um refém escorregadio, da cor de um peixe, infectando-me nas partículas de sujeira do chão de vinil, escorregando e me retorcendo, porque ainda estou dentro da bolsa na qual os bebês flutuam, pré-vida-real.

O sr. Peggot estava lá fora, esperando em sua caminhonete, a caminho do culto da noite, provavelmente pensando em quanto tempo de sua vida gastou fazendo a vontade de mulheres. A esposa dele tinha dito que Jesus podia esperar um minuto, primeiro ela precisava ver se a garotinha grávida tinha se embebedado de novo. Sendo uma mulher sem papas na língua, se necessário, a sra. Peggot mandará Jesus Cristo ficar quieto e esperar sentado. Ela voltou gritando para que o marido ligasse para o 911, porque uma pobre criança estava no banheiro tentando sair da bolsa na base dos socos.

Igual a um mini boxeador azulzinho. Foram essas as palavras que ela usou depois, sem absolutamente nenhuma vergonha de falar sobre o pior dia da vida da minha mãe. E se essa foi a impressão das primeiras pessoas que colocaram os olhos em mim, eu aceito. Para mim, isso significa que tive uma chance de lutar. Mínima, sim, eu sei. Se uma mãe

está deitada na própria urina e entre frascos de comprimidos enquanto dão uma palmada no garoto que ela acaba de expelir, dizendo a ele para se mexer, é provável que o bastardo esteja condenado. Um garoto nascido de uma viciada é um viciado. Ele vai crescer e ser tudo aquilo que ninguém quer nem ouvir falar: dentes podres e olhos vidrados, o incômodo de precisar trancar as ferramentas na garagem para que elas não desapareçam, o aluguel semanal do hotelzinho que fica bem afastado da beira da estrada pitoresca. Esse garoto, se quisesse experimentar coisas melhores, deveria ter tratado de ser parido por uma mãe rica, inteligente ou cristã, uma mãe do tipo careta. Todo mundo sabe que quem nasce neste mundo já vem marcado, para ganhar ou perder.

Mas nasci agraciado pelo resgate de super-heróis. Será que essa ocupação existia no nosso universo de casas móveis? Será que todos eles tinham abandonado Smallville em busca de uma ação mais nobre? Salvar ou ser salvo, eis a questão. A gente quer acreditar que não acabou enquanto não chegar na última página.

TUDO ISSO ACONTECEU EM UMA QUARTA-FEIRA, SUPOSTAMENTE A PIOR de todas. Cheia de desgraças etc. Junte-se a isso que cheguei ainda dentro do saco fetal. Mas... de acordo com a sra. Peggot, nascer assim é sinal de sorte: é a promessa de Deus de que você nunca irá se afogar. É bem específico. Você ainda pode ter uma overdose ou ficar preso ao volante e virar churrasco no banco do motorista, ou ainda explodir os próprios miolos, mas o único lugar onde você não dará seu último suspiro é debaixo d'água. Obrigado, Jesus.

Não sei se existe alguma relação, mas sempre tive uma quedinha pelo oceano. Normalmente as crianças ficam obcecadas em saber o nome de cada tipo de dinossauro ou sei lá o quê. Comigo eram baleias e tubarões. Ainda hoje, provavelmente penso mais do que o normal em água, em flutuar nela, simplesmente na cor azul e como, para os peixes, aquele azul é tudo. O ar e o barulho, as pessoas e o nosso importantíssimo frenesi são apenas uma irritação menor, quando muito.

Nunca vi a coisa real, só as fotos e aquele protetor de tela hipnotizante em um computador da biblioteca, com ondas subindo e deslizando. Então, o que sei sobre o oceano, eu que nunca estive em sua barba de areia nem olhei em seus olhos? Ainda espero que, ao encontrar a única imensidão que conheço, ela não vá me engolir vivo.

BEM NO MEIO DO CONDADO DE LEE, ENTRE O ACAMPAMENTO DE CARVÃO de Ruelynn e um assentamento que as pessoas chamam de Right Poor, no topo de uma estrada entre duas montanhas íngremes, é onde nossa casinha estreita está instalada. Perdi mais horas lá em cima, naqueles bosques, do que gostaria de contar, junto com um menino chamado Maggot, caminhando na água do riacho, virando grandes rochas e me fazendo poderoso. Eu podia variar, mas definitivamente preferia um herói da Marvel a um da DC, e Wolverine era um dos favoritos. Enquanto Maggot costumava escolher a Tempestade, que é uma garota. (Com excelentes poderes e mutante, mas mesmo assim.) Maggot era a abreviação de Matt Peggot, obviamente aparentado da mulher que estava aos gritos na festa do meu nascimento, a avó dele. Foi por causa dela que Maggot e eu nos tornamos vizinhos selvagens por um tempo, mas primeiro ele precisou nascer, um pouco antes de mim, além de ser confiado a ela enquanto a mãe dele tirava umas férias prolongadas na penitenciária feminina de Goochland. Temos história o suficiente para arruinar mais do que uma jovem vida, mas esse é o rascunho.

Esse lugar onde morávamos ficou famoso por estar coberto de copperheads, as serpentes cabeça-de-cobre. As pessoas acham que sabem muito. Mas eis o que eu sei. Nos anos que passei escalando as rochas em todos os lugares onde as cobras gostam de ficar, nunca vimos uma copperhead. Cobras, sim, o tempo todo. Mas as cobras são de várias espécies. Por exemplo, uma espécie comum sarapintada chamada diabo-d'água, que é facilmente atijada e ataca depressa se você cometer esse erro, mas a mordida é mais fraca do que a de um cachorro ou a picada de uma abelha. Sempre que uma cobra-d'água te pega, você solta todos os palavrões que guardou na gavetinha da sua cabeça. Depois, lava para tirar o sangue, pega seu bastão e continua sendo um Adaptóide, açoitando o verme musguento do mal. Agora, se uma copperhead te pegar, pode dar adeus a tudo o que você planejou fazer naquele dia, e talvez até daquela parte da sua mão ou do seu pé, ponto. Por isso, o que você vê faz toda diferença.

Se prestar atenção, vai diferenciar uma coisa da outra. Qualquer pessoa sabe a diferença entre um sheepdog e um beagle, ou entre um Whopper e um Big Mac. Quer dizer, cachorros são importantes e hambúrgueres são importantes, mas uma cobra ainda é uma maldita cobra. Nossa várzea estava cheia de copperheads, diziam os caixas da mercearia sempre que viam nosso endereço no envelope do vale-refeição da mamãe. A motorista do ônibus escolar repetia isso dia sim, dia não, fechando a porta atrás de mim como se a fechasse na cabeça pontuda das cobras.

As pessoas adoram acreditar no perigo, desde que seja você que esteja em risco, enquanto elas dizem que Deus o proteja.

Anos e anos se passariam até que eu entendesse a fundo todos os “Deus o proteja”, e não era só por causa das cobras. Uma das péssimas escolhas da mamãe, como ela aprendeu a chamar na reabilitação (e acredite, foram muitas), foi um cara chamado Copperhead. Ao que parece, ele tinha a pele escura, os olhos verde-claros de um melungo e cabelos ruivos que faziam você olhar para ele duas vezes. Ele o usava longo e tão reluzente quanto uma moeda, segundo minha mãe, que obviamente não era confiável. Uma tatuagem de cobra serpenteava o braço direito onde ele foi mordido duas vezes: primeiro na igreja, quando era um garoto tentando provar sua masculinidade numa família de homens manipuladores de cobras. A segunda vez, tempos depois, bem longe dos olhos de Deus. Mamãe disse que ele não precisava da tatuagem como lembrete, aquele braço o incomodou até o fim. Ele morreu no verão, antes de eu nascer. Meu nascimento caótico surpreendeu gente o bastante para fazer com que a ambulância fosse chamada e, logo depois, o rally na lama das caminhonetes gigantes do conselho tutelar. Mas duvido que alguém tenha ficado surpreso ao me ver crescer com estes olhos, este cabelo. Eu poderia até ter nascido retinto.

Mamãe tinha sua própria versão do dia em que nasci, na qual nunca acreditei, considerando que ela estava desmaiada durante o episódio. Não que eu, um bebê recém-nascido e dentro de uma bolsa, seja lá uma testemunha. Mas eu conhecia a história da sra. Peggot. E se você tivesse passado o único dia na companhia dela e da minha mãe, saberia em qual das duas versões apostar.

A da mamãe era a seguinte. No dia do meu nascimento, a mãe do pai do bebê dela apareceu do nada. Não se tratava de alguém que mamãe já tivesse conhecido ou quisesse conhecer, considerando o que tinha ouvido sobre aquela família. Batistas manipuladores de cobras não eram nem metade da história. Dizia-se que eles eram indivíduos que surravam uns aos outros, maridos dando cintadas nas esposas, mães espancando crianças com qualquer objeto que estivesse por perto, nem mesmo a Bíblia Sagrada estava fora de cogitação. Acreditei na palavra da mamãe quanto a isso porque é o tipo de coisa que se ouve dizer, um pessoal tão devoto que passa uma cobra de mão em mão e distribui olhos roxos. Se isso é novidade para você, talvez também acredite que um condado seco é um lugar onde não se encontra bebida alcoólica. No sudoeste da Virginia, estamos acostumados com uma desgraça atrás da outra.

Ao que parece, quando essa mulher apareceu, mamãe já estava quase no fim das dores. A coisa toda do trabalho de parto surgiu para ela do nada naquele dia. Pensando em se anestesiá-la para o pior, ela entrou no Seagram's antes do meio-dia, com bastante rebite para ficar acordada e beber mais, e alguns Vicodin depois, caso a dor fosse demais. Aí ela olha para cima e vê o rosto de uma desconhecida pressionado com tanta força contra a janela do banheiro que a boca dela parecia a fenda de uma bunda. (Palavras da mamãe, tente *desver*.) A mulher entra marchando pela porta da frente e ataca a mamãe em tom apocalíptico. O que ela está fazendo com esse cordeiro inocente que o Deus Todo-Poderoso colocou em seu ventre? Ela veio para levar a única criança de seu filho morto desse antro de vício e criá-la decentemente.

Mamãe sempre jurou que foi por pouco que não embarquei nessa: ser surrupiado para acabar sendo criado por uma seita truculenta no Cu do Judas, Tennessee.

O nome do lugar é um toque pessoal de minha parte. Mamãe se recusava terminantemente a falar sobre a família do meu pai ou mesmo sobre o que o matou. Só disse que foi um acidente grave em um lugar que eu nunca deveria ir, chamado Banheira do Diabo. Mas esconder segredos de ouvidos jovens só serve para colocar minhocas entre eles, e na minha cabecinha, elas se tornaram mortes mais tenebrosas do que qualquer outra que eu supostamente estaria vendo na TV naquela idade. A ponto de eu ficar com pavor de banheiras, algo que, felizmente, não tínhamos. Os Peggots tinham e eu ficava longe dela. Mas mamãe não baixava a guarda. A única coisa que ela disse sobre a Mãe Copperhead foi que era uma bruxa velha e grisalha chamada Betsy. Fiquei desapontado, esperava, no mínimo, uma Viúva Negra com um puta cabelo ruivo. Já que era a única parente do meu pai que provavelmente veríamos. Quando seu pai bate o ponto de saída antes de você bater o da chegada, você pode acabar passando um tempão encarando esse vazio.

Mas mamãe viu o bastante. Ela vivia com medo de perder minha guarda e se entregou com tudo à reabilitação. Eu saí, a mamãe entrou e se entregou cem por cento. E de novo e de novo ao longo dos anos, tornando-se uma especialista em reabilitação, como dizem. Passou por ela muitas vezes.

Dá pra ver o lamaçal que foi a história da minha mãe. Uma mulher aparece (ou não) do nada, me oferece uma casa melhor (ou não), depois vai embora sendo xingada de todos os palavrões mais cabeludos

(conheço a mamãe) que deixam os ouvidos da mulher latejando. Será que a mamãe inventou essa versão para me enrolar? Será que, na cabeça bagunçada dela, era verdade? De um jeito ou de outro, ela deixou claro que a mulher veio buscar uma *menininha*. Não eu. Se era fantasia da mamãe, por que uma menina? Será que era isso o que ela realmente queria, um pacotinho cor-de-rosa que a faria reassumir o controle? Como se *eu* não fosse frágil?

A outra parte, um pequeno detalhe, é que nessa história mamãe nunca falou o nome do meu pai. A mulher é “a bruxa Woodall”, sendo que esse é o sobrenome do meu pai, mas não houve nenhuma referência ao homem que colocou um bebê nela. Ela tinha bastante coisa para dizer sobre ele em outras ocasiões, sempre que acabava falando de amor e essa coisa toda no final do segundo fardo de meia dúzia de cervejas. As aventuras que eles viveram juntos. Mas nessa história, no que diz respeito à minha existência, ele não passa de uma péssima escolha.

2

MINHA IDEIA AQUI É COLOCAR TUDO NA ORDEM COMO ACONTECEU, E tirando certos lapsos de um jovem bêbado feito gambá, alguns pontos se conectam devidamente. Mas, caramba. Ser um garoto que não manda em nada é terrível. Se você passa por isso e cresce, é mais fácil esquecer o sofrimento e fingir que sabia o tempo todo o que estava fazendo. Supondo que você acabou chegando a um lugar do qual se orgulha. Se não, o mais fácil é se esquecer de tudo, ponto. Então, esta será a terceira opção: nada de orgulho, nada de esquecimento. Não é fácil.

Lembro que sempre gostei mais de observar as coisas do que falar sobre elas. Eu tinha perguntas. Mas meu problema eram as pessoas, que achavam que garotos não são seres humanos completos o bastante para lhes dar respostas diretas. Por exemplo, os Peggot aqui ao lado tinham um ninhal num poste no quintal que era uma bagunça de cabaças penduradas, com buracos abertos como portas para os pássaros. Era a versão aviária daqueles amontoados de casas móveis que se vê no lugar onde algum casal cria a família e ninguém, nem filhos nem netos, *nunca* sai de casa. Eles só passam a morar com alguém e rebocam outra casa móvel para assentar sobre blocos, formando uma grande família com varandas bagunçadas e uma bandeira esfarrapada no topo da unidade original. Uma nação de gente subempregada. O ninhal dos Peggot era isso, um amontoado de casinhas móveis de passarinhos. Mas nenhum passarinho jamais morou ali, nunca. Tinha ninhos a rodo nas árvores atrás da casa, ou os passarinhos faziam um em algum lugar aleatório, como debaixo do capô da caminhonete do sr. Peggot. Por que não se mudavam para um ninho já pronto, e grátis? O sr. Peggot disse que os pássaros, como qualquer um, gostam de viver do seu próprio jeito. Ele contou que conhecia conjuntos habitacionais do governo que não custavam muito mais do que um ninhal e que eram igualmente impopulares.

Tudo bem, mas por que manter aquela coisa lá em cima, embolorando? Maggot me explicou que Humvee fez aquilo na aula de carpintaria. Humvee era um dos tios de Maggot, visto pela última vez perto de uma

escola, lá na época dos Bee Gees ou do Elvis. Agora estamos nos anos 1990. Os Peggot mantiveram aquele ninhal rejeitado no alto do poste todos aqueles anos para quê? Para se lembrar de seu filho Humvee? Não caí nessa. Os Peggot tinham sete filhos ao todo, morando tão longe quanto Ocala, na Flórida, ou a menos de dois quilômetros de distância. Um monte de primos perambulava por aquela casa como um bando de animais meio apartados, mas a quem se dava comida. Falava-se com ou sobre todos os membros da família, exceto dois: (1) a mãe de Maggot, (2) Humvee. Uma cumprindo pena em Goochland, o outro morto, por razões não comentadas.

Além do ninhal sem pássaros, eles tinham um canil sem cães. O sr. Peggot havia caçado cães no passado, antes de ficar cansado demais para isso, como todos os homens velhos que conhecíamos na época em que ainda tinham fôlego para tal, e os cães tinham raposas ou ursos para perseguir e forçar a subir em uma árvore. No outono, o sr. Peggot nos levava para o bosque para procurar ginseng ou cavar sassafrás, porque essas coisas não podem fugir. Mas principalmente só para ficarmos lá fora. Ele reconhecia os cantos dos pássaros da mesma maneira que as pessoas reconhecem quem canta na rádio. Quando ficamos grandes o bastante para manusear um rifle, com nove ou dez anos, ele nos ensinou como pegar um veado e como erguer a carcaça no galho de uma árvore acima da passagem dos carros para trinchar o bicho, deixando espirais de tripas caírem fumegantes no cascalho. A sra. Peggot cozinhava a carne de veado na panela de barro. Você não sabe o que é comer até experimentar isso.

O canil vazio ficava entre nossa casa móvel e a casa dos Peggot. Maggot e eu colocávamos uma lona em cima e dormíamos lá fora, geralmente quando árvores caíam em algum lugar e derrubavam os fios, e assim não podíamos assistir à TV. Teve um verão em que fizemos isso por quase um mês depois de um desafio de Duck Hunt no Nintendo em que eu acidentalmente deixei o controle em formato de arma escapar e quebrei a tela. Maggot assumiu a culpa pela façanha para que eu não fosse mandado para casa e esfolado vivo. A sra. Peggot fingiu acreditar nele, apesar de ter ouvido tudo. Todo mundo provavelmente já ganhou um desses distintivos dourados da vida, em que tudo acaba bem graças às pessoas que ficam do seu lado, e que infelizmente é desperdiçado quando se fica bravo por uma coisa idiota como uma TV quebrada.

A casa dos Peggot ficava no topo da estrada, rodeada de bosques. Uma época, eles tiveram galinhas, incluindo um galo com a mente de um assassino em série que me causava pesadelos. Mas não eram criadores

propriamente ditos. Assim como não eram pessoas muito devotas, mas foram eles que me levaram à igreja. Mamãe desprezava a igreja, devido a algumas de suas famílias de acolhida, que eram empolgadas demais, mas eu não ligava. Eu gostava de ver as mulheres cantando, e de resto, gostava de ir só para dormir. E tinha aquela coisa de ser automaticamente amado, com Jesus ao seu lado. Não como uma torneira que ora está aberta e ora fechada, como acontece com as pessoas. Mas algumas das histórias da Bíblia definitivamente me incomodavam. O caso de Lázaro me deixou mentalmente perturbado, pensando que meu pai poderia voltar, e eu precisaria procurar por ele. A sra. Peggot disse à mamãe que eu tinha que visitar o túmulo do papai no Tennessee, e elas brigaram feio. Maggot me acalmou explicando que as histórias da Bíblia eram um tipo de revista em quadrinhos de super-heróis. Não era para confundir com a vida real.

Quando criança, você simplesmente aceita mundos diferentes com regras diferentes, até mesmo entre umas casas e outras. O lar dos Peggot era um lugar onde as coisas ficavam onde deviam. O sr. Peggot voltava para casa com os mantimentos, que iam direto para a geladeira. Maggot e eu travávamos nossa Terceira Guerra Mundial particular na sala, onde Legos e bugigangas tinham que ser recolhidos antes de sairmos — caso contrário, as consequências seriam severas. Completamente diferente da minha casa, onde o leite parecia ter adquirido vida própria e permanecia no balcão até se metamorfosear. Mamãe sempre dizia que perderia a cabeça se não estivesse grudada, e não estava errada. O crachá de trabalho atrás do vaso sanitário, a maquiagem na pia da cozinha, a bolsa debaixo da cadeira do lado de fora. Sapatos por toda parte. Essa era a mamãe. No meu quarto, eu tentava manter as coisas organizadas, principalmente meus bonecos de ação e os cadernos que guardava para meus desenhos. Uma vez perguntei à mamãe como arrumar a cama para ficar igual às da TV, o que ela achou para lá de hilário.

Nós, as crianças, perambulávamos por toda parte, às vezes chegando às antigas vilas carvoeiras com as casinhas enfileiradas como no Monopoly, só que nem todas iguais devido aos danos sem conserto e às várias maneiras pelas quais um telhado pode ceder. Brincávamos de rei da montanha nos depósitos de carvão e voltávamos para casa com as pálpebras brancas em rostos em tom preto-carvão como os antigos mineiros que víamos nos álbuns de fotos. Ou matávamos o tempo nos riachos. Não aquele inominável, a Banheira do Diabo, que fazia mamãe surtar e que, de qualquer maneira, ficava no condado de Scott. O melhor lugar era, de longe, o canal que

passava bem atrás de nossas casas, perfeito para um menino ficar invisível. Uma água com vontade própria, correndo ao pé de todas aquelas rochas. E debaixo da água, uma espécie de lama que fazia você se sentir esplêndido, cheirando a folha, grossa, de uma cor que dava vontade de comer. Canal Peggot, era como o chamavam, porque os Peggot eram os que moravam ali há mais tempo. A casa deles foi construída por algum antepassado Peggot antes de haver qualquer outra residência lá em cima, na época em que era uma grande fazenda onde eles aravam o tabaco com mulas. Assim disse o sr. Peggot. As mulas eram a única maneira de cultivar a terra em terrenos tão escarpados. Em um trator, você acabaria capotando e morrendo.

A casa móvel onde mamãe e eu morávamos era tecnicamente dos Peggot, a antiga casa da tia de Maggot, June, antes de ela se mudar para Knoxville. Mamãe a alugou dos Peggot e foi por isso, provavelmente, que eles ficaram de olho e a ajudaram, como se mamãe fosse uma substituta que se levantou do banco de reserva depois que a filha deles, do time titular, saiu do jogo. Maggot dizia que June ainda era a favorita deles, mesmo depois de se formar enfermeira e se mudar. O que diz muito. A maioria das famílias te perdoaria mais fácil por acabar na prisão do que por sair do condado de Lee.

Só para deixar claro, mamãe e eu não éramos parentes deles, então não se tratava de um daqueles amontoados de casas móveis da família. Esse tipo de lugar decadente aparece muito mais em reality shows da TV do que na vida real, acho que pelo mesmo motivo que as pessoas gostam de ver copperheads onde as copperheads não existem. Os Peggot só tinham a casa deles e aquela casa extra, estreita. Nove ou dez outras famílias tinham casas estrada abaixo, que eram muito bem conservadas e, de novo, não tinham parentesco.

Mas os Peggot eram uma horda estrondosa, sem dúvida. Eu tinha inveja de Maggot pela riqueza de primos que ele considerava totalmente banais. Até as primas mais velhas e gostosas que ficavam:

— Aii, Matty, eu te mataria por esses cílios! Não é justo que Deus desperdice um rosto tão lindo com um menino! — E depois berravam quando Maggot tentava lhes queimar um braço. Aquelas gatas saradas, líderes de torcida, que sinceramente poderiam dar um pé naquela bunda minúscula dele a qualquer momento. Não havia motivo para ficarem com medo. Era só um costume que tinham, as garotas diziam essas besteiras de menina para Maggot, e ele agia como se odiasse aquilo.

E eu pensava: *Sério, cara? É*, eu entendo que *lindo* é uma dessas palavras que um sujeito tem de tratar como se fosse pingadeira e ele tivesse

que proteger as bolas. Para Maggot, a coisa toda da masculinidade era muito complicada, digamos assim. Mas isso aconteceria sem ninguém por perto para julgá-lo, só as primas. E eu, o idiota sem primas que pagaria para ter alguma garota fazendo todo esse auê por mim, meio deitada em cima de mim naquele amontado de gente, depois que todos se acomodavam no chão da sala para assistir *Walker, Texas Ranger*. Eu, o idiota, me sentava sozinho no sofá olhando para meu amigo ali embaixo naquele amontoado, pensando: *Cara. Quem odeia ser adorado?*

VENHO DIZENDO QUE A SRA. PEGGOT ISSO... A SRA. PEGGOT AQUILO... então vou continuar escrevendo assim, porque a verdade é embaraçosa. Eu a chamava de vovó. Maggot a chamava assim, então eu também a chamava. Eu sabia que as primas dele não eram minhas primas, nem o sr. Peggot era meu avô, eu o chamava de Peg como todo mundo. Mas eu achava que todas as crianças tinham uma vovó, além de uma assistente social, merenda escolar grátis e os enlatados de feijão com salsicha que davam em uma sacola para você levar para casa nos fins de semana. Tipo, como um direito. Onde mais eu conseguiria uma avó? Zero perspectiva de ela vir da mamãe, uma órfã acolhida que abandonara a escola. E a mãe do meu Pai Fantasma é caso encerrado. Então, tratei de dividir com Maggot. Parecia estar tudo bem para a sra. Peggot. Fora o meu quarto oficial ser na casa da mamãe, e Maggot ter seu próprio quarto no andar de cima da casa dos Peggot, ela não tinha favoritos: os mesmos bolinhos Hostess, as mesmas camisas de caubói com franjas nas mangas que ela fazia para nós dois. A mesma batidinha no ombro com os nós dos dedos, caso alguém praguejasse ou ficasse de boné à mesa. Não significa que ela batesse forte. Mas, Jesus, era cada sermão. Olhando para ela, aquela pessoinha com jeito de vó, com cabelo curto e grisalho, calça jeans larga e sandálias rasteiras amarelas, você pensa: nada aqui vai ficar no meu caminho. Mal sabe você. Se roubar ou falar mal dos mais velhos, quebrar os pés de tomate dela ou for pego cheirando o spray de cabelo dela em um saco de papel, a mulher poderia dar uma bronca de fazer cair os cabelos da sua cabeça.

Ela era a única a usar meu nome verdadeiro depois que todo mundo o deixou de lado, inclusive a mamãe. Só bem mais tarde na vida, lá pelos meus vinte anos, percebi que em outros lugares as pessoas continuavam usando os nomes que tinham no início. Quem diria? Quer dizer, Snoop Dogg, Nas, Scarface, esses não são nomes dados pelas mães. Eu simplesmente presumi que todos os lugares eram como o nosso, como o condado

de Lee, onde a maioria dos caras acaba com algum nome que gruda neles. Shorty ou Grub ou Checkout. Dá para apostar que Humvee não era Humvee, para início de conversa. O sr. Peggot virou Peg depois que teve o pé esmagado por uma daquelas britadeiras que usam nas minas de carvão. Um nome te encontra, e você corre para ele como um cãozinho, até o dia em que morre e ele sai no jornal junto com seu nome oficial, que todo mundo esqueceu. Olhei a página de óbitos e pensei em como a maioria desses nomes é cruel. Quem quer morrer sendo o velho Toco? Mas na vida isso não é grande coisa, você pode comprar uma cerveja para seu melhor amigo Maggot sem que nenhum de vocês pense nessas coisas.

Por isso, não era nada banal a sra. Peggot insistir no meu nome de nascimento nessa confusão, depois que todos os outros o deixaram para trás. O nome é Damon. Sobrenome Fields, igual ao da mamãe. Na hora de preencher os formulários hospitalares, depois do filme de ação que foi meu nascimento, ela evidentemente tinha seus motivos para não me associar ao meu pai. Pelo que sei hoje, não existe a menor dúvida, mas eu tive de crescer e ganhar cabelo para me parecer com ele. E naquela época, como a aparência dele ainda era o principal tópico na coluna de prós da mamãe e as palavras “péssima escolha” ainda não faziam parte do vocabulário dela, talvez houvesse outros candidatos. Nenhum deles presente para ser cavalheiro e transmitir seu sobrenome. Ou para levá-la do hospital para casa. Esse trabalho, como a maioria das coisas de cavalheiro na vida de mamãe, coube ao sr. Peg. Se ele estava feliz com isso ou não, é outra história.

Quanto ao significado de Damon, só mesmo ela para escolher um nome de cantor de *boy band* bicha como esse. Será que ela achou que daria tempo de eu largar o peito dela antes que as pessoas transformassem Damon em Demon? Muito antes da idade escolar, eu já tinha ouvido de tudo. Screamin’ Demon, Demon Semen. Mas, assim que ganhei meu cabelo de fio de cobre e alguma atitude, comecei a ouvir “Pequeno Copperhead”. Ouvi muito. E, veja bem, nenhum garoto de sangue quente quer ser Pequeno Alguma Coisa. Conselho para qualquer pessoa que pretenda batizar o filho como Junior: passar a vida sendo um mini-você será tão emocionante quanto encontrar porra seca no tapete.

Mas ter um Pai Fantasma famoso dá às coisas uma cor diferente, e não posso dizer que eu detestasse ser notado dessa forma. Mais ou menos na mesma época em que Maggot começou suas tentativas de furto em lojas, eu estava começando a ficar conhecido como Demon Copperhead. Não dá para negar, esse nome tem poder.

3

DESDE O DIA EM QUE MURRELL STONE SUBIU OS DEGRAUS DE NOSSA casa com as correntes de suas botas Davidson tilintando, mamãe disse: Ele é um homem bom. Ele gosta de você e você gosta dele. Eu tinha recebido minhas instruções.

Stoner era o nome que ele usava e, se ele dizia coisas boas para mamãe, ela era toda ouvidos. A essa altura, ela já estava sóbria há tempo suficiente para se manter no emprego no Walmart durante todas as renovações dos corredores de produtos sazonais: fantasias de Halloween, bugigangas de Papai Noel, Dia dos Namorados, Páscoa, cadeiras dobráveis de jardim. Ela está com o aluguel em dia e tem a gaveta cheia de fichas de sobriedade que ela pega, tarde da noite, parecendo um dragão sentado sobre seu tesouro. Disso eu me lembro. Mamãe chegando em casa do trabalho e vestindo sua bermuda jeans cortada, que havia sido uma calça; abrindo um Mello Yello, sentando-se no nosso terraço, fumando com os pés apoiados no parapeito e as pernas esticadas, tentando pegar um bronze grátis, enquanto gritava comigo e com Maggot, lá embaixo, no riacho, para não corrermos com galhos nas mãos e acabarmos arrancando os olhos um do outro. Em outras palavras, a vida é boa.

Só não me lembro daquilo que eu não sabia: qual é a sensação de chegar à idade legal para beber e já estar há três anos no AA? Como deve ser chato ter um filho em idade escolar e um relacionamento sério com o corredor de artigos para festas do Walmart, enquanto seus antigos amigos ainda estão por aí querendo se chapar, embebedar ou casar, de preferência uma combinação perfeita das três coisas? Tudo com que a mamãe podia contar era o tipo de gente na meia-idade, no mínimo na casa dos trinta: colegas de sobriedade e do Walmart que diziam a ela “Tenha um dia abençoado, querida” e voltavam para casa, para seus maridos e baldes de frango frito e *Jeopardy*. A essa altura, depois de eu ter nascido, ela já tinha arrumado e perdido mais namorados, que tinham dado um pé na bunda dela porque (a) fizeram ela chapar o coco e se encrencar com a justiça pela guarda materna, ou (b) ela não era divertida.

Aí aparece Stoner, alegando que respeita uma mulher livre de drogas. A encarnação do próprio Mr. Músculo, com a cabeça careca feito bola de bilhar, bíceps grandes, alargadores em vez de brincos. Mamãe disse que ele poderia deixar o cabelo crescer se quisesse, mas gostava de raspar a cabeça. Para ela, um cara careca e musculoso, com colete jeans e sem camisa, era o suprassumo da masculinidade. Se você se surpreende que uma mãe discuta o quanto seu namorado é gostoso com o filho que ainda está aprendendo a não cutucar o nariz, é porque ainda não conheceu o auge da solidão. Mamãe me acendia um cigarro e conversávamos, mas era mentolado, óbvio, o que para ela era uma opção adaptada para crianças. Eu achava que fumar com a mamãe e discutir vários fatores sobre a macheza era um sinal de profundo respeito. Foi assim que descobri esse tipo de coisa: uma cabeça careca com barba por fazer é sexy para caramba. Mas, em certo momento, Stoner perdeu o charme da barba, porque a deixou crescer. Era a barba mais comprida e mais preta que já se viu fora de um quadrinho do Vandal Savage.

Só que uma dessas poderosas figuras mencionadas infestou a Terra de sofrimento desde antes do início dos tempos. E a outra faz o spray Mr. Músculo limpeza pesada, que tira o mofo da cortina barata do seu box e a deixa como nova. Segundo a mamãe, Stoner era a segunda.

Ela começou a voltar do trabalho para casa e a se maquiarem mais, não menos, para o caso de ele aparecer. E ele aparecia, distribuindo elogios. Linda daquele jeito, mamãe iria matá-lo, mais bonita que uma rosa. E ele me chamava de Sua Majestade. Que sentido isso poderia ter para uma criança que até então tinha crescido falsificando a assinatura da mãe nos formulários de vale-refeição do governo? Stoner dizia que meu problema era que eu estava acostumado a ser o filhinho da mamãe. Se ele me pegava deitado com a cabeça no colo da mamãe enquanto assistíamos TV, dizia: “Ah, olha só. O reizinho está em seu trono”.

Mas ele era dono de um modelo recente de picape Ford e de uma Harley FXSTSB Bad Boy, ambas quitadas, e essa parte do caso com Stoner era difícil de desprezar. Ele chutava o cavalete da Harley e entrava para ver mamãe. Era a deixa para que eu e Maggot passássemos uma hora inteira mexendo naquela máquina, olhando para nossas caras de bobos no cromo dela, desafiando um ao outro a subir na moto. Acreditando plenamente que se Stoner sáísse naquele momento, acabaríamos na cadeira elétrica.

Por isso, no dia em que ele rugiu e perguntou se eu queria dar uma volta só até a rodovia e retornar. Jesus amado na bicicletinha. Como não? Maggot olhou para mim como quem diz: *Cara*, você tirou a sorte grande. Mamãe gritou do terraço:

— Segure o garoto, Stoner. Se ele se machucar, eu te arrebento.

Meu problema era não ter sapatos. Era um sábado e estávamos praticando tiro ao alvo com Hammerhead Kelly, que era uma espécie de primo agregado de Peggot, mais velho que nós. Garoto quieto, o favorito do sr. Peggot para caçar veados. Ele trouxe um rifle de ar comprimido, já que nosso riacho estava cheio de itens nos quais atirar; enfim, a questão era que eu tinha de lembrar onde estavam meus sapatos. Provavelmente na casa de Maggot. Mamãe parecia pensar que eu precisava deles e disse para colocá-los, e foi o que eu fiz. Mas não sem antes ser interrogado pela Sra. Peggot sobre o que estava acontecendo. Ela olhava pela janela. Mamãe tinha ido até a estrada e Stoner estava curvado sobre ela, beijando-a como se estivesse tentando sugar algo de suas tripas com um canudo. E ela era uma cúmplice voluntária do crime.

A Sra. Peggot me avisou que eu provavelmente cairia da motocicleta daquele rapaz e quebraria a cabeça.

— E o pior de tudo é que ele pode ir embora e abandonar você — disse ela.

Jesus. Por mais que eu quisesse subir naquela Harley e descer a estrada para todos verem, agora eu não conseguia parar de imaginar minha cabeça aberta como as metades de uma casca de noz, os vizinhos todos aglomerados ao redor, Stoner acelerando para bem longe dali. Quer dizer, a sra. Peggot não era alguém que falava à toa, a mulher sabia de todas essas merdas. Como é o cérebro aberto de um menino, eu não tinha ideia na época, e agora tenho. Está no topo de uma lista de coisas que eu gostaria de poder *desver*. Mas minha cabecinha tinha um talento brutal para criar imagens. Sai e disse ao Stoner que estava com dor de barriga. Maggot teria vendido as próprias bolas para ir no meu lugar, mas como um amigo de verdade, disse a Hammerhead que deveríamos entrar e jogar Game Boy até eu melhorar.

— Você que sabe — respondeu Stoner. Mas do jeito como ele falou, pareceu “Você que se acabe”. De pé, com o braço sobre os ombros da mamãe, como se já tivesse pago a entrada por ela.

MAS CHEGARIA O DIA EM QUE EU MONTARIA NAQUELA MÁQUINA, espremido entre ele e mamãe como o queijo de um sanduíche, com uma visão melhor do que o necessário das tatuagens no pescoço dele. Mamãe atrás de mim com seu cabelo amarelo esvoaçante e seus braços estendidos para abraçar o abdômen musculoso de Stoner. As tatuagens no pescoço chegavam até o couro cabeludo. Eu me perguntava

se elas vieram antes ou depois da ideia de raspar a cabeça. As coisas estúpidas que uma criança pensa em vez de dar importâncias às questões maiores, como: para onde este alegre passeio vai nos levar, afinal?

A primeira vez foi ao Pro's Pizza. Stoner pediu uma pizza extra-grande completa, uma caneca de cerveja para ele, Coca-Cola para mim e mamãe. Depois de traçarmos boa parte da pizza, mamãe pediu licença por um minuto para ir ao toailete. Aqueles dois amigos do Stoner vieram e se sentaram na nossa mesa como se não fosse nada de mais, eles só iam pegar o turno seguinte.

Eu não conhecia aqueles caras. No condado de Lee, dizem que é preciso se esforçar para achar um rosto que nunca viu, o que certamente era verdade para mamãe, que encaminhava qualquer um que andasse por ali até onde ficam os copos descartáveis, no corredor 19. Mas é diferente para uma criança, que sempre se concentra em quem são seus conhecidos. Notei aqueles homens olhando para a mamãe de cima a baixo, mas não entendia como eles faziam parte do nosso grupo. O que deslizou para o lado de Stoner era pálido e de cabelos brancos, todo tatuado, incluindo um olho extra no meio da garganta, não me pergunte por que isso seria boa ideia. O que estava sentado ao meu lado cheirava a desodorante aerossol Axe e tinha o mesmo bigodinho e a barbicha que você normalmente veria no diabo e no Homem de Ferro. Meu cérebro, em sua obsessão infantil por super-heróis e supervilões do mal, pensou em como eu os desenharia. Para o tatuado, daria o nome de Olho Extra, que podia ver seus pensamentos. O outro era o Catinga do Inferno, com o poder de matar alguém com seu cheiro.

Eles começaram a conversar com Stoner. Qual o nome desse aí. O pequeno Demon, hein? Demon Spawn, Endemoniado, piadas que ouvi um milhão de vezes. Então o Catinga do Inferno inventou de me chamar de “Cria da Capa de Revista” e o Olho Extra disse:

— Uma raposa acaba dando filhotes, Stoner. Você tem sorte, é só um.

E Stoner disse que era melhor ele tomar cuidado porque algumas pessoas são mais espertas do que a gente pensa.

— Ah, é, e quem seria? — perguntou o Olho Extra.

Eu também estava curioso.

— O Guenta — respondeu Stoner, o que foi uma decepção. Achei que talvez ele estivesse se referindo a mim.

— Que Guenta? — eles quiseram saber. Stoner deu uma piscadela rápida.

— O amigo do sr. Risonho, seus idiotas. O sr. Guenta.

— Ah, entendi — respondeu o Catinga. — O sr. Guenta Firme.

Eu já conhecia desde tenra idade uma lista considerável de idiotas, mas nenhum com o nome de Guenta. Aqueles caras riram dele até a mãe voltar, o que parecia demorar uma eternidade. Pegaram copos na bandeja e se serviram da cerveja de Stoner, e perguntaram sobre o projeto de perfuração dele. Se Stoner sondava poços, aquilo era novidade para mim. Stoner perguntou o que fariam se encontrassem um Camaro vermelho que quisessem comprar, mas ele viesse com um reboque na traseira.

— *Comprar* ou só apostar uma corrida difícil? — quis saber o Olho Extra. E o Catinga perguntou:

— O reboque está muito bem preso, cara? — Todos os três riram muito.

Fiquei ali sentado, confuso com tudo o que havia sido dito, sugando minha Coca-Cola até o gelo e minha garganta congelar e se transformar em um buraco redondo e duro.

NAS FÉRIAS DE VERÃO, OS PEGGOT SE OFERECERAM PARA ME LEVAR para Knoxville. Eles iam visitar a June, tia de Maggot, e ficariam duas semanas. Ela era enfermeira de hospital e estava se saindo muito bem, morando em um apartamento com um quarto vago. Para uma pessoa que nem é casada, é muito espaço.

Minha primeira pergunta: Knoxville fica perto do oceano? Resposta: na direção oposta. Já mencionei que era uma criança estranha em relação ao oceano. Por isso aquilo foi uma decepção. E Virginia Beach não estava fora de cogitação, só para ficar claro. Diferente do Havaí ou da Califórnia, impossíveis. Sete horas e um tanque de gasolina o leva até lá, de acordo com a colega de trabalho da mamãe, Linda, que ia para lá todo verão com o marido e ficava em um condomínio por uma semana. Mas os Peggot iam ver a filha e me deixaram ir junto, então eu deveria ser educado. E, na verdade, a ideia de ir a outro lugar que não à escola, à igreja e ao Walmart era bastante emocionante. Até então, eu nunca tinha feito isso.

Minha pergunta seguinte foi: E a mamãe?

— Ela vai se atrasar para o trabalho se eu não estiver aqui para lembrar ela de ajustar o despertador — expliquei para a sra. Peggot. Eu tinha muitas preocupações, como encontrar os sapatos de trabalho e o crachá dela e avisar para ir ao supermercado. A sra. Peggot não estava entendendo de fato a minha situação e da mamãe. Quem tiraria os Mello Yellos da geladeira para ela e com quem ela conversaria? A sra. Peggot disse que eu deveria perguntar para a mamãe, o que eu fiz. Eu tinha certeza de que diria

não, mas ela se animou e começou a falar como seria divertido que eu fosse para Knoxville com os Peggot. Quase como se não ficasse surpresa.

Na noite anterior à partida, enchi minha fronha com roupas íntimas e camisetas, meu caderno de desenhos de super-heróis, e dormi vestido. De manhã, eu estava no terraço uma hora antes de carregar a caminhonete, que era uma Dodge Ram de duas portas com os bancos traseiros dobráveis, um de frente para o outro. Maggot e eu jogaríamos Slapjack e chutaríamos os joelhos cobertos de cicatrizes um do outro o caminho inteiro até Knoxville.

Mamãe ficou sentada comigo esperando os Peggot aparecerem e o sol se levantar acima das montanhas que lançavam sua sombra sobre nós. Quando você mora em um buraco, o sol se aproxima no final do dia e vai embora cedo. Como muitas coisas mais que você poderia desejar. Nos meus anos seguintes, fiquei impressionado ao ver como é bem maior a quantidade de luz do dia derramada sobre os lugares mais planos. Isso e muitas outras coisas ainda viriam a ser aprendidas por um garoto curioso ao observar sua linda mãe que fumava feito chaminé e enquanto ouvia os pássaros cantarem. Ela tentou passar o tempo perguntando os nomes dos pássaros, que eu já tinha dito a ela antes. Eu só conhecia alguns, o sr. Peg conhecia todos eles. Corruíra, canário-do-campo, pardal. Se chapinhávamos nossas axilas e rostos na pia em vez de tomar uma ducha de verdade, ele dizia que estávamos tomando banho de pardal. Foi o que fiz naquela manhã, na pressa de deixar a mamãe. Tudo está ardendo na minha cabeça. Como ela ficou pensando nas coisas sobre as quais me lembrar: agir com educação, dizer por favor e obrigado, especialmente quando passassem por alguma coisa, não ficar vasculhando o apartamento de June. Coisas que é preciso dizer a um garoto antes que ele vá para outro estado. Eu disse a ela para ajustar a droga do despertador. O que a fez rir, porque eu já tinha deixado um bilhete na geladeira: AJUSTE A DROGA DO DESPERTADOR. Ela disse que me amava muito e para eu não me esquecer dela, o que foi estranho. Mamãe não costumava ser tão emotiva.

Enfim, o sr. Peg desceu até a estrada e gritou:

— Tudo bem, então estamos prontos para ir.

Comecei a descer os degraus, mas a mamãe me segurou na frente de todo mundo, beijando meu pescoço até me matar de vergonha.

E foi isso, nós a deixamos ali. O sr. Peg acenou, mas a sra. Peggot apenas olhou para ela, fazendo cara de desgosto por muito tempo. Eu via essa expressão toda vez que ela virava para perguntar se estávamos com o cinto de segurança e se ainda queríamos biscoitos. Ela ainda estava com a mesma cara bem depois de passarmos a fronteira do estado.

4

KNOXVILLE TINHA UMA SURPRESA RESERVADA: UMA GAROTA CHAMADA Emmy Peggot que morava com tia June em seu apartamento, filha do falecido tio de Maggot, Humvee. O do ninhal de passarinho. Ela era aluna do sexto ano, magrela, com cabelos castanhos e compridos e aquele olhar frio. Carregava o tempo todo uma mochila da Hello Kitty, com a qual ela parecia estar pronta para te espancar e depois enfiar sua cabeça lá dentro. Solucionar esse mistério levaria algum tempo.

Nós imediatamente nos amontoamos no Honda da tia June, que levaria todo mundo para almoçar no Denny's, exceto o sr. Peg, que precisou levantar a perna manca depois de dirigir a viagem toda. Tia June nos fez colocar o cinto de segurança, aquela foi a primeira vez que vi um banco traseiro com os três cintos funcionando. Emmy se sentou no meio, sem falar com a gente, pescando elásticos de cabelo e sei lá o quê na mochila, fazendo questão de não nos deixar ver o que mais havia lá dentro, como se fosse algo chocante demais para nossas mentes infantis.

Tia June nos deixou pedir o que quiséssemos, então parecia um aniversário. Nós nos sentamos perto da janela e foi difícil nos concentrar, com tudo o que acontecia lá fora. Talvez eu fosse o único garoto da escola que nunca tinha estado em uma cidade antes, fora uma menina órfã e com epilepsia chamada Gola Ham. As outras crianças da minha idade tinham ido principalmente a Knoxville, porque as pessoas têm parentes lá. A essa altura, eu estava ficando com os olhos arregalados. Se alguma coisa passasse, como uma viatura policial com um cachorro atrás, ou um caminhão de reboque puxando um Mustang amassado, eu gritava: Nossa, *cara*, olha só! E Emmy olhava para mim tipo: *E daí? As pessoas não destroem a porra dos carros de onde você vem?* Tia June estava ocupada, conversando com a sra. Peggot sobre o trabalho. Ela tinha de ir trabalhar depois do almoço até a manhã seguinte: turnos diurnos e noturnos sucessivos. Ela falou sobre as longas jornadas e o que via no pronto-socorro. Por exemplo, uma mulher grávida que chegou esfaqueada com o bebê ainda na barriga. O que, se você pensar bem, fazia com que um Mustang amassado não fosse grande coisa.

Outras histórias de pronto-socorro ainda estavam por vir, contadas a Maggot e a mim por Emmy, depois que ela parou de se considerar a última bolacha do pacote e começou a conversar com a gente. No fim das contas, a pior merda que as pessoas podem imaginar fazer umas com as outras onde você mora também é imaginada e feita em Knoxville. Provavelmente até mais. O problema da cidade é que ela é enorme. É óbvio que eu tinha visto cidades na TV, porque é a única coisa que mostram (além do *Animal Planet*), então eu esperava algo como Knoxville. Só que, no meu pensamento, você dobraria uma esquina e estaria fora dali. Voltaria para onde se viam montanhas, pastagens de gado e coisas desse tipo, coisas vivas. Que nada. Sempre que a tia June nos levava para passear, percorríamos vinte ou trinta ruas só de prédios. Não se conseguia ver onde aquilo acabava de jeito nenhum. Se você é uma das poucas pessoas que ainda não estiveram em uma cidade, deixe eu contar como é. Uma confusão dos infernos que parece não ter por onde sair.

Será que Maggot já sabia sobre a Emmy antes de chegarmos? Sim. Todos na família dele sabiam, e minha mãe também, o que me fez surtar. Por algum motivo, o assunto de que o falecido Humvee tinha uma filha morando com tia June não deveria ser mencionado lá na nossa terra... nunca. Maggot disse que eu poderia comentar com a mamãe, porque ela já sabia, mas não com Stoner. Eu falei que tinha certeza de que ele e mamãe já teriam terminado quando voltássemos, então... Sem problema. Essa conversa aconteceu na nossa primeira noite, enquanto Emmy dormia. Ficamos acordados assistindo *A quinta dimensão* até que ela finalmente apagou. Maggot rastejou e tirou a mochila das mãos dela para ter certeza de que ela estava realmente dormindo.

Então, o quarto vago da tia June era, na verdade, o lar da Donzela do Gelo. Ela teve de se mudar para os avós o usarem durante nossa visita de duas semanas. Nós, crianças, dormíamos em um ninho gigante que fizemos na sala com travesseiros e lençóis. Nós batizamos aquilo de forte, mas Emmy nos corrigiu dizendo que era o nosso “navio”. O *SS Vai Tomar no Anus*, sugeriu Maggot, o que o fez ser rebaixado. Ela tinha um monte daquelas bonequinhas em maletinhas idiotas e minúsculas, e no mundo de Emmy elas tinham patentes: tenente, soldado etc. Maggot geralmente acabava abaixo de toda a milícia de bonecas-em-malas, algo como o lavador de pratos, enquanto eu ficava no meio. Nós tentamos envolver as bonecas dela em roubos e assassinatos, e ela nos surpreendeu ao se mostrar totalmente interessada. Disse que havia um lugar nos arredores de